

A VISINHA DO LADO

COMÉDIA EM QUATRO ACTOS

ORIGINAL DE

ANDRÉ BRUN

P E R S O N A G E N S

Eduardo

Plácido

Saraiva

Jerónimo

Um carteiro

Um distribuidor de romances

Um polícia

Isabel.....

D. Adelaide

Mariana

D. Gertrudes

Laurentina

A creada de cima

A creada de baixo

PRIMEIRO ACTO

(O patamar duma escada de aparência saudável. À esquerda, a porta da casa de D.Adelaide. Ostenta campainha electrica e capacho de arame. À direita, a porta da casa de Eduardo. Contenta-se com uma simples aldraba e não usa capacho. Ao fundo esquerdo, abertura do lance inferior da escada. Ao fundo direito, a abertura do lance superior que dobra modestamente para cima ao cabo dalguns degraus e dum simpático descanso. São onze horas da manhã, onze e cinco quando muito. No alto do lance superior a creada de cima, - vinte anos esguedelhados, de chinelos e remangados - varre a escada com fingido entusiasmo e uma autêntica vassoura de mão).

CENA I

(A CREADA DE CIMA E JERÓNIMO)

A creada de cima

(Varrendo e descendo)

-Varre, varre, linda vassourinha...

-Abana, abana, meu abanador...

-Sempre, sempre em movimento (bis)

-Vassourinha varre o chão...

-E o abano faz o vento (bis)

-Para acender o fogão...

-Rica vassoura, quando serás minha?

-Tu queres de abano passar a varredor?

-Varre, varre, linda vassourinha!

-Abana, abana, meu abanador!

(Durante a cantiga tem-se visto aparecer do lance inferior Jerónimo, guarda portão dos seus cinquenta anos e pico, cara bonacheirona, blusa de riscado e bonet de pala, que vem pachorrentamente puxando o lustro ao corrimão e, de caminho, limpando os ferros da escada. Ao ver a criada, detem-se a ouvi-la até que, com um sorriso...)

JERÓNIMO

Ora viva a menina Joaquina!...

A criada de cima

(Parando de varrer e debruçando-se no corrimão) Viva lá, Sr. Jerónimo!...

JERÓNIMO

Está boa? Vive com gosto?

A criada de cima

(Rindo) Eu cá vou... E vocemecê?

JERÓNIMO

Não ha remédio senão ir puxando pela vida... As suas patrões estão bem?

A criada de cima

A senhora está boa... E a menina também está boa, muito agradecida...

JERÓNIMO

(Acendendo um cachimbo de pipó curto) Está então contente na casa?

A creada de cima

Assim, assim... Isto, para ser creada, é preciso muita paciência. Olhe que não ha muitas patrões que fossem capazes de andar a servir. A maior parte delas, tiradas de dizer: - "Ó Joaquina, faça isto! Ó Joaquina, faça aquilo!" não sabem fazer mais nada.

JERÓNIMO

É como isto de ser guarda-portão... Ha muito quem imagine que é só usar boné de pala e casaco com botões. Pois é mais difícil do que parece.

A creada de cima

Acredito, acredito.

JERÓNIMO

(Explicando) Em primeiro lugar, é preciso ser bem educado, o que já não acontece com os inquilinos que podem ser malcreados. Depois, isto de saber a fundo da vida de quem móra num prédio demanda muito estudo e dá muitos desgostos...

A creada de cima

Ah sim?

JERÓNIMO

É verdade. Às vezes vai uma pessoa e faz uma pergunta inocente... Uma coisa de nada, só questão de saber... Pois, volta e meia, ouve uma má resposta e, quando calha, ameaças de se queixarem ao senhorio. (Um silêncio) Outros que são frescos, os senhorios!... Querem que a gente lhes ande com o prédio ao colo. As campainhas

não tocam? Foi o guarda-portão. A conta do gaz é maior? Foi o guarda-portão. Os inquilinos têm gatos que fazem coisas na escada? Foi o guarda-portão...

A criada de cima

Parece impossível.

JERÓNIMO

(Malicioso e mais baixo) Se não fossem certas criadas que, às vezes, nos obsequiam com coisas que sobejam do jantar, não valia a pena ser guarda-portão. É uma carreira vistosa, mas sem futuro nenhum. E a menina? Diga-me cá... As suas senhoras tratam-na bem?

A criada de cima

Quando mal, seja assim. A casa é socegada. É gente de paz. Outro tanto se não pode dizer dali... (Indica com um gesto o lado direito do andar superior).

JERÓNIMO

(Que tem que estar ao facto de tudo o que se passa) Houve alguma novidade no terceiro direito?

A criada de cima

(Em confidência) Ih Jesus! Houve uma bulha ontem à noite, que valha-me Deus! Da cosinha, escutando pela chaminé, é que se ouvia tudo. A minha senhora, a D. Gertrudes, até se foi meter na dispensa a dar fé. O Sr. Jerónimo nem põe na sua ideia... Sempre a mulher do Sr. Saraiva disse coisas ao Sr. Saraiva que até parece incrível.

JERÓNIMO

Ah sim!? E porque seria?

A creada de cima

Ora! Porque havera de ser? O costume... Ciumes que ela tem. Que ele - benza-o Deus! - lá isso é verdade: é muito atrevido com as mulheres. A mim, cada vez que me encontra na escada, sempre me deita cada olho... E ri-se, todo paspalhão...

JERÓNIMO

O diabo é o Sr. Saraiva! Pois olhe, menina, no tocante a gente unida os daí faziam boa sociedade com estes daqui, do segundo esquerdo... (Indica com um gesto de cabeça a porta de Eduardo).

A creada de cima

Ora! Esses não admira. Não são recebidos. Ela é do teatro, das tais que andam com as pernas à mostra... E ele, se calhar, é tão bom como ela.

JERÓNIMO

(Espreitando por cima do corrimão para o pavimento inferior, vê chegar alguém e tosse para disfarçar) Hum! Hum! (Volta a limpar os ferros da escada).

A creada de cima

(Percebendo e continuando a varrer)

-Varre, varre, linda vassourinha...

-Abana, abana, meu abanador...

(Do lance inferior vem surgindo aos poucos Eduardo com um ar cansado, o chapéu para os olhos, as mãos nos bolsos do sobretudo, a gola levantada. Parece vir muito aborrecido, apesar de ter vinte e cinco anos, o felisardo...)

GENA IIOS MESMOS E EDUARDO

EDUARDO

(Ao passar pelo guarda-portão) Bons dias, seu Jerónimo.

JERÓNIMO

(Levando a mão ao boné) Bons dias, sr. Mesquita.

(A criada de cima, tendo acabado de varrer, apanha o lixo com uma pá e vai subindo para o pavimento superior. Eduardo mete sucessivamente a mão a um bolso e a outro, até se convencer de que não tem a chave, posto o que, com certa hesitação, levanta a aldraba e bate duas pancadas mansas...)

JERÓNIMO

A senhora D.Isabel não está.

EDUARDO

(Voltando-se) Como?

JERÓNIMO

Saíu ha-de haver coisa de meia hora.

EDUARDO

(Vindo a ele) Só!

JERÓNIMO

Ou três quartos de hora.

EDUARDO

Pregunto se ia só.

JERÓNIMO

Sósissima, o mais só que é possível...

EDUARDO

E... não disse onde ia?

JERÓNIMO

Nada, não sr. Eu estava à porta a arear a campainha, ela passou e só me disse com muito mau modo: - "Viva!"

EDUARDO

Para mim não deixou recado?

JERÓNIMO

Não, sr. Quero dizer... Na saída dela o "Viva!" foi para mim... Agora o mau modo, provavelmente, era para o sr....

EDUARDO

O peor é que me esqueci da chave. (Por descargo de consciência volta a apalpar os bolsos).

JERÓNIMO

Talvez a D. Isabem fosse para o teatro...

EDUARDO

Tão cedo?! Para mais hoje não ha ensaio. (Um silêncio. Eduardo desce a gola e acende um cigarro) Então não disse nada? Nem ao menos que se ia suicidar?

JERÓNIMO

Nem isso. Ha mais de oito dias que a D.Isabel se não mata. E não tem partido quási loiça nenhuma. Pelo menos no caixote do lixo não tenho dado fé.

EDUARDO

(Entre dentes e nervoso) Ah! amigo Jerónimo, amigo Jerónimo!... As mulheres!...

JERÓNIMO

(Sorrindo) O que é que têm as mulheres, sr. Mesquita?...

EDUARDO

Têm o diabo!... Então a Isabel não disse que ía acabar com a vida?

JERÓNIMO

Hoje não lhe deu para aí.

EDUARDO

Para onde iria ela? Quando sai de casa para se ir matar, se é de dia, já sei que vai para o Grandela. Se é de noite e não tem teatro, vai para o animatógrafo. Por isso antes quero que ela se suicide depois de jantar. Sai-me mais barato.

JERÓNIMO

Então... outra vez zangados?

EDUARDO

(Encolhendo os ombros) Para variar. Continuamos a viver na melhor desarmonia possível... A noite passada fiquei fóra.

JERÓNIMO

Tambem me queria parecer.

EDUARDO

Hontem de tarde tivemos uma questão terrível por causa da Catarina da Russia e eu desarvorei furioso. Fiquei em casa dum amigo.

JERÓNIMO

(Paternal) Tambem para que é que o sr. Mesquita, sabendo do génio da srª. D.Isabel, anda por lá metido com essas mulheres?...

EDUARDO

Quais mulheres?

JERÓNIMO

Essa tal Catarina! Se fôr tão boa como uma que eu conheci, que era engomadeira...

EDUARDO

Não. Esta era imperatriz.

JERÓNIMO

Então, se calhar, não era a mesma.

(Ouve-se do lado da casa de D.Adelaide um piano tocando escalas)

EDUARDO

(Estremecendo) Lá começa a vizinha do lado! Era só o que me faltava! Você já viu uma maçada igual? Todo o dia leva naquela brincadeira. (Imita o piano) Tro-ló-ló-ló-ló-ró... Tro-ló-ló-ló-ló-ró...

JERÓNIMO

É a afilhada da srª. D.Adelaide, 2ª. direito.

EDUARDO

(Fúrioso) Nunca tive o gosto de ver essa serigaita; mas digo-lhe, amigo Jerónimo, que qualquer dia tiro-me dos meus cuidados, vou ali, bato à porta e pergunto com que direito se permite aquela lambisgoia arrasar o miêlo da vizinhança... Oiça, oiça... (Imita o piano) Tró-ló-ló-ló-ló-ró... Tró-ló-ló-ló-ló-ró...

JERÓNIMO

(Que tem visto neste mundo coisas piores) Se quer que lhe diga, também embirro muito com pianos. Não é lá por causa do barulho, que isso a mim não me aflige... mas é que, em havendo mudanças, pianos e guarda-loiças são o que estraga mais as escadas... Riscam as paredes todas. (O piano cala-se).

EDUARDO

(Suspirando de alívio e puxando do relógio) Onze e dez e Isabel sem aparecer!... Eu já não queria que ela viesse... Se, ao menos a chave tivesse a boa ideia de voltar para casa!... (Um silêncio) Ó seu Jerónimo!... Quer um conselho?

JERÓNIMO

Veja lá se lhe faz falta.

EDUARDO

Isso sim... Têm-me dado tantos iguais!

JERÓNIMO

Então, se o ha-de deitar fóra...

EDUARDO

(Dogmático) Nunca se meta com mulheres.

JERÓNIMO

(Rindo francamente) Se o sr. Mesquita me tem dito isso aqui ha uns quarenta anos, agradecia-lhe muito... Agora, não vale a pena incomodar-se.

EDUARDO

O sr. sabe lá as ralações que elas nos trazem!

JERÓNIMO

Sei. E sei tambem as tarefas que levam. As duas que tive de mais duração tinham mau génio às vezes; mas saía-lhes do corpo.

EDUARDO

O quê? O sr. foi casado duas vezes?

JERÓNIMO

Casado não. Eu cá em matéria de mulheres, sou como o sr. Mesquita; sou livre pensador. Muita festa para a festa; mas, a respeito de casar... Isso tó carocho! Dizia um compadre meu, que era sapateiro, que as mulheres com quem se casa são como o calçado de encomenda. Ainda que o cabedal aperte, tem que se ficar com elas. As outras, se não ficam ao geito do pé, regeitam-se e toma-se medida para mais folgado.

EDUARDO

Você fala bem. Se tivesse a bota da Isabel para descalaçar...

(Puxa de um jornal que traz no bolso e senta-se num degrau da escada, enquanto o piano do lado recomeça imperturbavelmente as suas escalas).

JERÓNIMO

(Solícito) Eu vou lá abaixo buscar um môcho. (Quer descer)

EDUARDO

(Sustendo-o com um gesto) Não vale a pena. Não gosto de me sentar em aves de mau agouro. (Um silêncio) Bem bastam os pressentimentos que tenho. (Voltando-se para o lado do piano) E não dá uma doença num piano daqueles!... (Mergulha no jornal. Jerónimo tem subido um pouco, sempre lustrando o corrimão. O distribuidor de romances tem surdido de baixo com uma ruma de fascículos debaixo do braço e apoia o dedo na campainha electrica de D. Adelaide. A porta abre-se e aparece a creada de baixo, exemplar da mesma edição da de cima. O piano ouve-se mais forte).

CENA III

OS MESMOS, A CREADA DE BAIXO E O DISTRIBUIDOR DE ROMANCES

O Distribuidor

(Entregando um fascículo à creada) Amanhã venho saber a resposta. (A creada aceita o papel e fecha a porta. O piano abrandado. O distribuidor atravessa a cena e vai direito à porta de Eduardo).

EDUARDO

(Olhando por cima do jornal desdobrado) Aí não está ninguém... Que deseja?...